Carla Hilário Quevedo

# AS MULHERES QUE FIZERAM ROMA

## 14 histórias de poder e violência

a esfera dos livros

# Índice


Introdução ..... 13

1. Reia Sílvia (*ca*. 753 a.C.) ..... 17
2. Lucrécia (*ca*. 510 a.C.) ..... 29
3. Cornélia (190 a.C.-102 a.C.) ..... 43
4. Clódia Metela (*ca*. 95 a.C.-?) ..... 61
5. Cleópatra VII (69 a.C.-30 a.C.) ..... 75
6. Lívia Drusa (58 a.C.-29) ..... 93
7. Valéria Messalina (*ca*. 20-48) ..... 109
8. Júlia Agripina (15-59) ..... 123
9. Domícia Longina (?-140) ..... 137
10. Víbia Sabina (88-136) ..... 151
11. Faustina, a Jovem (*ca*. 125-175) ..... 165
12. Júlia Domna (*ca*. 174-217) ..... 179
13. Helena de Constantinopla (*ca*. 250-329) ..... 193
14. Gala Placídia (*ca*. 390-450) ..... 207

Notas ..... 223

Bibliografia ..... 229

*Para o Carlos*

*Sujeitas ao nosso poder é usual estarem pessoas tanto do sexo masculino como do feminino; «na nossa mão» apenas se encontram mulheres.*

Gaio, *Instituições*[1]

# Introdução

L. P. Hartley começa o seu célebre romance *The Go-Between*, de 1953, com a frase abundantemente citada: «The past is a foreign country: they do things differently there». Percebemos imediatamente que vamos começar a ler um romance, porque o problema desta ideia, literária como é evidente, está na impossibilidade prática de Leo Colston, o protagonista, comprar um bilhete para a sua infância. A literatura desafia as leis da Física, mas o que é certo é que o velho Colston não pode regressar ao passado como nós podemos ir a Cinfães ou a Milão. Porém, à semelhança do protagonista de *The Go-Between*, nós também não podemos emigrar para a Roma de Augusto.

Quer isto dizer que pessoas e personagens têm em comum a única maneira de conhecer o seu passado: contando histórias verdadeiras, mentirosas, que acrescentam pontos, rigorosas ou nem por isso, sobre certos eventos nas suas vidas. *As Mulheres Que Fizeram Roma: 14 histórias de poder e violência* é uma colecção de retratos curtos de mulheres célebres e influentes na construção de Roma e do seu império, que depende de uma leitura céptica do que nos foi contado sobre elas.

Nenhuma mulher foi autora da história de nenhuma mulher aqui descrita. Todas foram contadas por homens, como Suetónio, Tácito, Dião Cássio, Tito Lívio e outros. É aliás graças às suas descrições que ficámos a conhecer personalidades célebres como Messalina ou Agripina. Mas o que ficamos a saber daquilo que nos contaram não se reduz à veracidade (ou não) dos actos destas mulheres. As histó-

rias revelam mais: por exemplo, quais eram as expectativas que os romanos tinham das suas mulheres e qual era afinal o seu papel num mundo em que apenas os homens podiam falar em público ou ser donos das suas casas. A verdade sobre estas figuras femininas estará algures nos relatos dos historiadores e biógrafos antigos, bem como na nossa imaginação, a única possibilidade que temos de escapar a um presente que, por estranho que pareça, por vezes não parece tão diferente do que este passado longínquo. No que respeita ao que se esperava de uma mulher, às ideias sobre o que seria uma boa mulher ou uma bruxa, uma adúltera ou uma santa, julgaríamos que muito teria mudado de 753 a.C. para cá. Os 14 casos descritos, os quais, é preciso notar, são 14 casos de excepção, mostram que há poucas mudanças de fundo quanto ao que se espera de uma mulher.

*As mulheres que fizeram Roma* é o resultado de dar de novo as cartas do mesmo baralho incompleto, porque não existe outro. Na repetição é esperado que esteja o ganho de se destacarem novas características, explicações, interpretações para histórias clássicas que tendemos a considerar demasiado longínquas para a nossa compreensão moderna e necessariamente limitada. Se isto fosse verdade, no entanto, nunca seria possível compreender nada do passado. Voltando à metáfora de L. P. Hartley, o passado seria um país estrangeiro, sim, mas só extraterrestres o poderiam visitar. A nossa perplexidade com a Roma Antiga e as suas heroínas não limita a nossa possibilidade de percebermos quem eram estas pessoas. Apesar das diferenças superficiais de hierarquias, relações e comportamentos, ou o que se faz de diferente num país estrangeiro, os problemas, as angústias e as tentativas de soluções não nos são estranhos.

A cobertura da extensão de tempo em que estas mulheres terão vivido é ambiciosa. Começa com o mito da Reia Sílvia e dos gémeos Rómulo e Remo, em 753 a.C., data tradicional da fundação de Roma, e termina com a morte da extraordinária imperatriz Gala Placídia, em 450. Roma não é a protagonista nestas 14 curtas histórias. É um pano de fundo fascinante, sem o qual muitas vezes não seria possível compreender as descrições das vidas destas mulheres.

Agradeço a amizade e as conversas a Helena Miranda, Tânia Veríssimo Figueiredo, Djaimilia Pereira de Almeida, Dalila Pinto de Almeida, Helena Dulce Cruz e Maria João Esteves Cardoso. Ao Professor Doutor J. A. Segurado e Campos, agradeço o seminário de mestrado há mais de dez anos sobre Literatura e Direito, de que gostei especialmente, embora só agora tenha percebido porquê. Agradeço a Sofia Monteiro e à Esfera dos Livros por me terem proposto escrever este livro, a Rita Veiga e a Francisco Camacho pela sua edição e publicação.

Ao meu marido, Carlos Quevedo, sou grata pelo ânimo e por se interessar pelo que me interessa.

Lisboa, 9 de Abril de 2015

Carla Quevedo

# 1.

## REIA SÍLVIA
## *ca.* 753 a.C.

John Leech, Reia Sílvia, ilustração incluída em *The Comic History of Rome*, de Gilbert Abbot A. Beckett, 1850.

*É campónio demais aquele que se sente magoado por uma mulher*
*que o engana e não conhece o bastante os costumes da Urbe,*
*onde não nasceram sem engano os filhos de Marte,*
*Rómulo, filho de Ília, e o filho de Ília, Remo.*

Ovídio[2]

Conhecemos a história que parece de ficção científica, embora sem os efeitos especiais, da fundação de Roma, da qual Tito Lívio[3] e Dionísio de Halicarnasso[4] desconfiavam, e que exige no mínimo uma certa candura da parte de quem a ouve ou lê. A lenda é, apesar das suspeitas, a explicação mais divulgada e aceite sobre a fundação de Roma. Um par de gémeos do sexo masculino, depositado numa cesta e deixado à mercê das águas do Tibre, teria sido encontrado numa das margens do rio por uma loba. O animal pôde alimentar os bebés humanos ali encontrados, salvando-os da morte certa. É ainda do conhecimento geral o nome dos gémeos, Rómulo e Remo, sendo o primeiro apontado como o primeiro rei de Roma e o segundo, desaparecido entretanto, é possível que morto pelo outro.

A história dos gémeos de Roma faz lembrar Moisés abandonado à sua sorte num cesto nas águas do rio Nilo. A história de Moisés é difícil de datar, tendo ocorrido quem sabe se por volta de 1500-1400 a.C. Será em todo o caso bastante anterior à lenda de Rómulo e Remo. São datas longínquas da nossa era que apesar disso não nos devem intimidar. Estamos afinal de contas perante histórias contadas ao

longo de muitos séculos, partilhadas entre os povos e que são constitutivas de uma civilização. Não pertencem por isso ao passado, mas a um presente constantemente renovado e contado outra vez. São além do mais histórias que também por terem sobrevivido ao longo de séculos têm a autoridade de impedir interferências e alterações substanciais na sua estrutura.

O historiador Flávio Josefo conta o episódio do resgate de Moisés das águas nas *Antiguidades Judaicas*, obra que data do fim do primeiro século da nossa era. Sobre Moisés, explica o étimo do nome: «retirado das águas»[5]. Assim como a maré que extravasou para as margens motivou a descoberta dos gémeos, a ausência de uma corrente forte determinou que o cesto com aquele que seria «um homem muito humilde, mais que todos os homens que há sobre a face da terra[6]» fosse levado docemente até uma das margens do Nilo para aí ser recolhido pela filha do faraó do Egipto. Se não fossem as águas calmas, nem Roma nem o povo judaico teriam existido. Mas antes de nos determos nos pormenores da história da fundação de Roma e da sua protagonista feminina, Reia Sílvia, recuemos um pouco no tempo, até ao mito fundador de Roma, que nos daria a história dos gémeos Rómulo e Remo.

Ainda hoje repetimos que Roma não foi feita num dia para justificarmos a demora na execução de uma tarefa complexa, tão difícil, turbulenta e prolongada como a fundação daquela que seria a capital do Império. Fugido à destruição causada pela guerra de Tróia, cuja data não é conhecida, mas que se pensa ter coincidido com o fim da Idade do Bronze, por volta de 1194 a.C., Eneias, célebre guerreiro troiano e protagonista da *Eneida* de Virgílio, terá escapado aos gregos e chegado à região do Lácio, na Itália. Aí terá edificado a cidade de Lavínio, nome que seria atribuído em homenagem à sua mulher, Lavínia. O filho de ambos, Ascânio, fundaria a lendária Alba Longa, situada na mesma zona de Itália, a qual daria origem à dinastia dos reis albanos. Cerca de quatrocentos anos mais tarde, após nascimentos e mortes, histórias de batalhas e sucessões sangrentas, encontramos dois irmãos desta linhagem dos albanos: Amúlio e Numitor.

Apesar de Numitor ser mais velho e o digno sucessor do trono, Amúlio era mais rico. A riqueza tornou-o mais forte e não tardou a que usurpasse o trono ao irmão, matando-lhe os filhos homens[7]. No entanto, apesar de afastadas as ameaças ao poder que adquirira à força, Amúlio não dormia descansado. Vivia em constante sobressalto, com pavor de ser morto por algum parente vingativo. O perigo de tal acontecer não estava no presente, que domesticara com o crime, mas no futuro de uma descendência imprevisível.

Numitor tinha uma filha de nome Ília, um nome que nos remete de imediato para «Ílion», que significa «Tróia». Mas chamavam à rapariga Reia Sílvia, que à época estava «em idade madura para casar»[8]. Ora, a mera hipótese de a sobrinha dar à luz a prole que não hesitaria em vingar o pai e o irmão atormentava o espírito fraco de Amúlio. Para ele, Reia Sílvia era, como numa canção de Stephen Sondheim[9], «a formiga no piquenique», que à primeira vista parecia insignificante, mas que existia com o único propósito de lhe estragar a festa. Para deixar de vez de temer pela vida, Amúlio decidiu oferecer a rapariga a Vesta. Não seria extravagante, visto que as raparigas oriundas de famílias senatoriais eram as únicas candidatas elegíveis à função de sacerdotisa do templo. Mas a oferta fazia parte de um plano maior. Fingindo dignificar Reia Sílvia com a honra de assistir à deusa, condenava-a à castidade forçada. Tudo para viver em paz.

A entrega do corpo e da alma à deusa Vesta não era o pior que podia acontecer a uma mulher na Antiguidade. Recrutadas desde muito cedo, entre os seis e os dez anos, a virtude conferia a estas mulheres um poder de intervenção na vida pública. As vestais tinham mais liberdade de movimentos do que as mulheres comuns e eram livres de andar desacompanhadas na rua, desde que fossem transportadas em liteiras. Passar por baixo de uma liteira que transportava uma vestal era um acto punível com a morte. As vestais gozavam de um estatuto legal especial que as diferenciava das mulheres casadas e das que eram ainda apenas filhas. Qualquer homem casado segundo a tradição romana tinha um poder sobre os seus descendentes bio-

lógicos ou adoptados, que por sua vez não tinham direito à propriedade. As decisões sobre as suas vidas eram tomadas pelo *pater familias*, que exercia a *patria potestas* sobre os que viviam debaixo do seu tecto, quer fossem familiares ou escravos.

As vestais não estavam sob a *patria potestas*, mas também não eram completamente autónomas. Embora não fossem propriedade de ninguém, obedeciam ao *pontifex maximus*. O sacerdote supremo não tinha o mesmo estatuto legal do *pater familias*, mas estava nas suas mãos decidir se a vestal quebrara ou não a promessa sagrada de castidade, bem como executar a pena de morte, no caso de se confirmar um atentado contra Vesta e, por consequência, contra Roma. O poder sobre a vestal era ele mesmo ambíguo, tal como era o estatuto da própria virgem. A vestal não era casada, mas vestia a túnica até aos pés ou a *stola*. Nunca seria uma noiva, mas usava bandas de linho no cabelo. Não era um homem, mas celebrava cerimónias religiosas e acompanhava os senadores nos jogos[10].

A entrega à deusa Vesta também trazia obrigações. As vestais eram as guardiãs do fogo de Roma, cuja chama não podia esmorecer nem ser apagada. O fogo tinha um significado religioso, aliás comum a muitas culturas, de união entre deuses e humanos. Lidar com o fogo sagrado era uma tarefa que exigia dedicação plena e imaculabilidade. A interferência de qualquer impureza na execução dos rituais desequilibrava a união entre humanos e deuses e colocava a cidade em perigo. O voto de castidade tinha de ser cumprido durante trinta anos[11]. Os primeiros dez seriam dedicados à aprendizagem das funções da sacerdotisa de Vesta no templo, a segunda década à execução das tarefas e a última à passagem de testemunho, antes do seu regresso à vida civil, numa altura a que chamamos hoje a meia idade.

A vida nem sempre era pacífica para as vestais. O voto de castidade que cumpriam era a sua maior força e ao mesmo tempo a sua maior fragilidade. A mera suspeita de *incestus*, que tem o significado original de «impuro», «manchado» ou «sacrílego», uma intrusão na castidade, podia ser suficiente para condenar a vestal à morte. Não havia nenhuma estátua da deusa no templo, apenas a chama que as

vestais tinham o dever de manter viva. Além da vigilância do fogo sagrado, a confecção de uma refeição salgada, *mola salsa*, usada nos sacrifícios públicos, fazia parte das tarefas diárias da sacerdotisa. Mas a atenção ao fogo do templo era de importância vital.

O enfraquecimento da chama, como observámos, era interpretado como um sinal de possível quebra da promessa de castidade. A chama a arder simbolizava a sexualidade protegida, nunca consumada, da virgem. A chama apagada indicava a sua impureza. E a impureza era perigosa para a cidade. Segundo uma lei mais antiga do que a própria Reia Sílvia, as vestais que quebrassem a promessa de castidade eram enterradas vivas. O castigo, de uma brutalidade inconcebível aos nossos olhos, era entendido como a consequência natural da quebra de dedicação a um modo de vida religioso, em que a castidade era uma condição e um valor. Não esqueçamos que era também por ser virgem que estava livre da *patria potestas*. Nada restaria de uma vestal que perdesse a virgindade porque *ser virgem* era precisamente o que justificava a sua existência.

Só um milagre salvaria uma vestal da acusação de infidelidade. Assim aconteceu com Túcia, que se conta ter sido acusada de impudicícia. Mas Túcia afirmou que era capaz de provar que era inocente. Para isso, levaria água do Tibre numa peneira até ao templo de Vesta. Nada menos do que uma impossibilidade física poderia servir como prova da inocência da vestal. Mas o milagre aconteceu e a prova foi aceite. Outras formas de infidelidade, não só a quebra do voto de castidade, eram punidas com a morte. A vestal Tarpeia cometeu uma falta da mesma natureza, embora com outras características. O nome da rocha situada a sudoeste do Monte Capitolino, conhecida por ser dali que eram atirados toda a espécie de criminosos, passou a ser aquele por causa da vestal Tarpeia, que tinha dado informações sobre Roma aos sabinos em troca de pulseiras de ouro que as mulheres usavam. A sua deslealdade ficaria para sempre recordada naquele sítio, onde terá sido enterrada viva[12].

Quatro anos tinham passado desde que Reia Sílvia, protectora da cidade, guardiã do fogo sagrado, prometera dedicar a sua vida a

Vesta. Um dia foi violada quando foi buscar água a uma fonte. A virgem, perante o horror do acto que sofrera e o conhecimento da pena para a quebra do voto, fez os possíveis por esconder o incidente. Não havia atenuantes para a vítima de um crime como este. A vítima da violação não era na realidade uma vítima tal como a entendemos nos nossos dias em países civilizados, mas uma espécie de cúmplice no crime. No caso de ser uma vestal, tratar-se-ia de uma sacerdotisa que deixava de ser virgem; que passava a ser apenas uma mulher com a respectiva perda de benefícios.

No caso de Reia Sílvia, há várias versões para a sua história, das mais imaginativas às mais credíveis. Dionísio de Halicarnasso conta que Amúlio, inquieto com o seu futuro, tinha ordenado à mãe que espiasse a sobrinha. Havia, portanto, uma testemunha neste caso. O episódio é contado pelo historiador com uma desconfiança saudável. Por que razão haveria Amúlio de mandar espreitar a vestal no momento em que tinha acontecido a violação? Seria o tio de Reia Sílvia também o seu violador? Ou haveria uma necessidade inadiável de contar a história daquela maneira? Reia Sílvia estava grávida.

Conhecedora das consequências que o seu estado lhe trazia, a vestal confessou ter sido violada pelo deus Marte. O acto tinha sido justificado pelo próprio deus com a seguinte profecia: Reia Sílvia daria à luz dois rapazes gémeos e um deles seria o fundador da grande cidade de um povo não menos grandioso. Conferir a paternidade divina a personalidades ilustres é comum nas histórias de heróis gregos e romanos. Lembremos que Alexandre Magno era filho de Hércules e que Júlio César descendia de Vénus. Tendo em conta que a associação aos troianos era demasiado longínqua no tempo, esta seria uma maneira prática de recuperar a origem divina da cidade.

Para Reia Sílvia, era uma solução airosa para a confusão em que estava envolvida. A informação é descrita com suspeita, embora sem cinismo, por Dionísio de Halicarnasso, que afirma que o deus, sendo intrinsecamente bom, nunca poderia cometer uma má acção e ainda menos justificar a má acção com um bom resultado[13]. A interpreta-

ção do historiador reduz o mito à versão menos fantasiosa, mas orienta a nossa leitura para a versão mais humana e chocante de a vestal ter sido violada pelo tio. Não duvidando da hipótese sugerida, não se entende, contudo, que logo aquele que estava menos interessado na reprodução de Reia Sílvia tivesse sido precisamente o seu causador. É certo, porém, que a nossa existência é por vezes tão irónica que chegamos a desejar o que mais tememos, não havendo por isso razão para um usurpador mesquinho por volta de 770 a.C. estar livre das voltas contraditórias que a vida dá.

Seja como for, era uma realidade que Reia Sílvia estava grávida, por isso não restavam dúvidas de que não continuaria a desempenhar as suas funções no templo de Vesta. Reia Sílvia deixava assim de ter a protecção conferida às vestais e voltava a estar sob a alçada do tio, que passava a ter o poder de decidir sobre o seu destino.

As atenções estavam a partir daquele momento voltadas para as duas crianças preditas. Era preciso vigiar o parto e verificar se a profecia dos gémeos se concretizava. Dionísio de Halicarnasso, que não acreditava na lenda, sublinha a conivência de Numitor num estratagema elaborado, que consistia em arranjar outro bebé, não se sabe realmente onde nem como, para fazer par com aquele que teria nascido sem irmão, acabando assim por revelar que Reia Sílvia era uma vítima inocente, à qual não se podia imputar a responsabilidade de ter sido vítima, uma vez que tinha sido um mero instrumento da vontade do deus. Confirmada a profecia do nascimento dos gémeos, a vida da mãe seria poupada.

Assim nasceram Rómulo e Remo e Amúlio mandou prender e não matar Reia Sílvia. Quanto às crianças, ordenou que fossem expostas, deixadas à sua sorte no Tibre. Não conhecemos casos de exposição que não tenham sido bem sucedidos. E o dos filhos de Reia Sílvia não é excepção. O nascimento dos gémeos condenou Reia Sílvia à obscuridade do cárcere, onde passaria grande parte da sua vida. É importante, no entanto, apesar da ausência da protagonista deste capítulo a partir daqui, que contemos o resto do mito que estará na base da fundação de Roma.

Com Reia Sílvia afastada de cena, Amúlio mandou que os escravos abandonassem as duas crianças no rio Tibre. A ordem não surpreendia ninguém. A exposição, assim se chamava ao abandono de infantes[14], era uma prática comum na Roma Antiga. Eram expostas as crianças indesejadas, pobres, com deficiência, de paternidade desconhecida ou não assumida e, na sua maioria, do sexo feminino. O infanticídio era também uma prática comum e um direito do *pater familias*, que decidia se um filho vivia ou morria ou se seria abandonado numa floresta ou num rio.

A versão mais antiga da lenda[15] é aceite por Dionísio de Halicarnasso, Tito Lívio e Plutarco[16]. Amúlio ordenou que os gémeos fossem abandonados no Tibre[17]. Os escravos puseram as crianças dentro de uma cesta e foram para o local. Quando lá chegaram, viram que as águas do rio tinham subido e estavam agitadas, e tiveram medo de se aproximar demasiado da corrente. Por isso deixaram a cesta com as crianças junto ao rio. Quando a água inundou as margens, a cesta foi afastada da corrente e deslizou para terra, até ficar fora de perigo. E aqui aparece o elemento fantástico: o choro atraiu uma loba, que os alimentou e lhes salvou a vida[18].

Segundo os relatos de Dionísio de Halicarnasso e Tito Lívio, ficamos com a impressão de que pouco depois de a loba salvar Rómulo e Remo, apareceu Fáustulo, que levou as crianças para sua casa. Os gémeos foram alimentados e educados pelo tratador de porcos e a sua mulher, Larência. A descrição de Plutarco, por estar mais atenta ao pormenor e a outras histórias contadas em torno do salvamento fantástico de dois bebés humanos por um animal não humano, leva a crer que os gémeos terão vivido durante algum tempo debaixo de uma figueira. Além da loba, que os amamentava, teriam como companhia um picanço, que estava encarregado de trazer migalhas de comida aos dois recém-nascidos. Plutarco explica que eram ambos animais consagrados a Marte. E Marte, aproveitemos para lembrar, foi o deus reclamado por Reia Sílvia como sendo o pai «natural» dos seus filhos. A presença destes animais no salvamento dos gémeos terá convencido muitos da veracidade do relato de Reia Sílvia[19]. Era

como se o deus estivesse presente na protecção do fundador de Roma e do seu irmão.

Este momento espectacular do mito é o mais célebre da história das origens de Roma. E é neste episódio que encontramos o equívoco que poderá ter dado origem à lenda. Como observámos, numa versão mais pragmática dos acontecimentos terá sido Fáustulo a levar os gémeos na cesta, com a intenção de cumprir a ordem de os abandonar no rio. Mas Numitor interviera nesta ida e convencera o homem a levar as crianças para sua casa. Fáustulo assim fez e a sua mulher, Larência, alimentou as crianças. Conta Plutarco[20] que o termo *lupae* era usado para lobas e prostitutas e que Larência não seria obviamente a primeira, mas a segunda. Os gémeos até podiam ser fruto da violação de uma virgem por um deus, mas afinal não tinham sido salvos por um animal selvagem...

Os anos passaram e os rapazes cresceram. Os relatos da educação de Rómulo e Remo acentuam a força física de ambos: o seu aspecto físico altivo e viril, o interesse pela caça e pelas corridas e um sentido de nobreza que os levava a defender os injustiçados. As descrições de Rómulo e Remo apontam para a nobreza de nascimento, que contrastava com a sua situação modesta de vida. Havia que esclarecer o equívoco. E assim aconteceu. Numa disputa entre os pastores de Amúlio e de Numitor, Remo foi capturado e levado à presença do segundo. Impressionado com a beleza física e o aspecto confiante do jovem Remo, Numitor quis saber mais sobre as suas origens. Foi então que o rapaz falou das circunstâncias misteriosas em que ele próprio e o irmão tinham aparecido na casa de Fáustulo e Larência. Não sabia realmente dizer quem seriam os seus pais, mas a história que ouvira a seu respeito incluía uma virgem, um deus e uma loba. Numitor percebeu tudo, mas faltava uma prova física que acabasse com as suspeitas.

A prova foi dada por Fáustulo. Além de uma virgem, um deus e uma loba, havia a cesta onde as crianças tinham sido abandonadas. Fáustulo tinha convenientemente guardado essa cesta e, segundo Plutarco[21], prometera levá-la a Reia Sílvia, para lhe dar consolo na

prisão. Embora não soubesse nada dos filhos, a cesta encontrada vazia seria motivo de esperança para a mãe. Mas a falta de notícias dos gémeos não deveria afligir Reia Sílvia. Afinal de contas, Marte vaticinara que um dos irmãos seria o fundador de uma grande cidade. Mas voltemos à prova necessária do reconhecimento.

Quando Fáustulo soube que Remo tinha sido capturado, foi ter com Numitor para lhe levar a cesta que confirmaria a identidade dos gémeos. Foi nesse momento que um dos homens que sabia da exposição percebeu o que se passava e denunciou Fáustulo. Mal Fáustulo contou o segredo dos gémeos, a história foi rápida a matar Amúlio e a libertar Reia Sílvia.

A lenda da fundação de Roma não termina aqui. Mas aqui acaba a história da vestal Reia Sílvia. Estamos em 753 a.C.